



## A educação inaciana na perspectiva do Barroco luso-brasileiro

Andrea Gomes Bedin<sup>1</sup>

**Resumo:** O século XVII vivenciou a marca incontestável do empreendimento evangelístico inaciano em terras ameríndias, fazendo-se objetivo central a ser alcançado no contexto dos empreendimentos coloniais luso-brasileiros. Seja junto aos habitantes da comunidade colonial e prioritariamente junto aos nativos, o trabalho pedagógico alinhavado pelos inacianos deveria seguir seu rumo, baseando-se nos princípios práticos da Companhia, do “estar no mundo”, convivendo com os problemas nele existentes e, a partir daí, traçar estratégias que pudessem com o tempo se tornar eficazes na divulgação do Evangelho. Ainda que desenvolvendo um trabalho em estreita coligação com a Coroa Portuguesa, os jesuítas primaram por manter certa autonomia na práxis de seu trabalho, a fim de que pudessem manter seu investimento sobre bases teológicas sólidas, bases que interagiram com o universo da arte sacra barroca, cujo processo histórico consagrou a Companhia de Jesus como legítima representante da fé cristã em terras brasileiras. O Barroco, arte de expressão essencialmente religiosa, e o amplo universo imaginário que ao redor dele se desenvolveu, buscou expressar uma mentalidade típica do século XVII, própria a uma sociedade de corte, hierarquizada, e ao mesmo tempo profundamente arraigada a preceitos religiosos, notadamente católicos, de cunho contrarreformista. Seu rico universo das artes, de alcance eficaz e persuasivo, forneceu ferramentas para a catequese empreendida pela Companhia de Jesus, que, de modo pontual nos aldeamentos, mas de alcance geral no universo do barroco, implementou um modelo de educação e decoro pretendidos para o período.

**Palavras-chave:** catequese, Barroco, pedagogia, educação, jesuítas.

**Abstract:** The seventeenth century experienced the incontestable brand of the Ignatian evangelistic enterprise in Amerindian lands, becoming a central goal to be achieved in the context of the Portuguese-Brazilian colonial enterprises. Together with the inhabitants of the colonial community and with the natives as a priority, the pedagogical work carried out by

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela PUC-SP; Doutoranda em História pela PUC-SP, Bolsista CAPES; Prof. Orientador: Dr. Fernando Torres Londoño. Email: andribedin@yahoo.com.br

the Ignatian people should follow its course, based on the practical principles of the Society, of “being in the world”, living with the problems in it and hence outlining strategies that could eventually become effective in spreading the Gospel. Although working in close association with the Portuguese Crown, the Jesuits prevailed to maintain certain autonomy in the praxis of their work, in order that they could maintain their investment on solid theological bases, bases that interacted with the universe of baroque sacred art, whose historical process consecrated the Society of Jesus as the legitimate representative of the Christian faith in Brazilian lands. Baroque, essentially religious art, and the wide imaginary universe that developed around it, sought to express a typical mentality of the seventeenth century, proper to a society of cut, hierarchical, and at the same time deeply rooted in religious precepts, notably Catholics, counterreformatist. His rich and efficient universe of the arts provided tools for catechesis undertaken by the Society of Jesus, which, in a specific way in the villages but of general scope in the baroque universe, implemented a model of education and decorum intended for the period .

**Keywords:** catechesis, Baroque, pedagogy, education, Jesuits.

## **1. A Companhia de Jesus e o processo educacional-catequético no território luso-brasileiro: análise histórica**

A atuação da Igreja no Brasil sempre foi de grande peso para a história do país. Desde o período colonial, a Igreja atuou em intensa concordância com o Estado português através do Padroado. Na realidade, o Padroado se tornou um mecanismo eficaz de participação da Igreja no cenário colonial, uma vez que, dada a escassez<sup>2</sup> de bispos e das longas vacâncias entre um prelado e outro, a ausência de padres e clérigos, por ser significativa, tornava necessária a busca por caminhos que propiciassem a vinda de novos membros da Igreja para a Colônia, a fim de promover um trabalho de organização político-religioso entre a população local existente. Por meio do Padroado, ao Estado era concedido o poder de intervir na nomeação de bispos e padres; em contrapartida, a Igreja poderia contar com o apoio do Estado para sua atuação no universo religioso da Colônia, o que envolvia desde o apoio aos trabalhos de catequese até a cobrança dos dízimos. Segundo Hoornaert,

os bispos eram considerados nobres vinculados à Coroa real, e, portanto, sua atuação religiosa estava limitada com frequência aos interesses políticos. Alguns bispos que agiram com certa independência em seu múnus pastoral foram afastados do exercício de seu cargo pela autoridade do rei (2008, p. 172).

.....  
<sup>2</sup> O número de bispos na América portuguesa não era suficiente para controlar todo o território conhecido à época, devido à sua extensão geográfica. Em todo caso, havia quem exercesse um tipo de função eclesiástica nas várias vilas e fazendas, tanto no litoral quanto no interior (Hoornaert, 1991, p. 277).

Convém salientar que a instituição do Padroado no Brasil se deu em moldes muito específicos. Tradição antiga em Portugal, o Padroado praticamente herdou os recursos destinados à Ordem de Cristo, organização formada por antigos fundos da Ordem dos Templários.

A necessidade maior do uso de recursos financeiros por parte da Ordem de Cristo se deu a partir da conquista de Ceuta pelos portugueses (1415), fato que lançou Portugal como grande empreendedor marítimo, ao mesmo tempo que combatia contra os mouros, considerados infiéis pela Igreja Católica. A este respeito nos informa Hoornaert que, “em consequência disto, os papas publicaram ao longo do século XV numerosas bulas, ‘bulas de cruzada’, em número de 69, das quais 47 mencionam o Islão como grande inimigo, embora a empresa estivesse sobretudo atuando na África em regiões não atingidas pelo Islão” (2008, p. 35).

Como pioneiro dos mares e considerado legítimo representante da fé católica, Portugal lançou-se à conquista de novos espaços de além-mar, com o intuito de formar Colônias e, com isso, adquirir riquezas. Os “discursos de conquista de novas terras” vinham intensamente atrelados à tarefa missionária de conversão de povos nativos, tarefa essa que deveria, segundo a visão dos conquistadores lusos, ser da responsabilidade oficial de Portugal. É Hoornaert quem novamente reforça que “Portugal é senhor dos mares ‘nunca dantes navegados’, organizador da Igreja em termos de conquista e redução, planejador da união entre missão e colonização” (idem, p. 35). Sobre isso escreveu Vieira, ressaltando a nação portuguesa como sendo o Quinto Império na Terra, o que conseqüentemente a imbuía da missão de levar a fé cristã católica ao mundo.

Dentre as determinações exigidas pelo Padroado, destacam-se: os clérigos e bispos, de maneira geral, não poderiam partir de Portugal sem autorização do monarca; havia entre o rei e a Igreja (representada por seus membros) uma espécie de juramento de fidelidade. O mesmo se dava em relação aos missionários (naturais ou estrangeiros), cujos trabalhos passavam por fiscalização e controle em terras portuguesas, antes de partirem para seus destinos. Além disso, os bispos não poderiam comunicar-se de maneira direta com o Papa, fato que criava significativas distâncias entre a Igreja no Brasil e a sede do papado em Roma. Tal situação limitou sobremaneira a comunicação entre Roma e a Igreja no período colonial, num momento muito importante de alicerçamento e solidificação da fé cristã católica nas terras recém-encontradas.

A Coroa Portuguesa mantinha um rígido controle sobre as operações que ocorriam em solo colonial. A Igreja, representada praticamente pela Companhia de Jesus em terras brasileiras, possuía tímida autonomia de ação, e, em que pese sua fiel devoção à autoridade papal, o fato é que sua manutenção e sustentação em muito dependiam da Coroa. A Igreja não podia prescindir de sua aliança com o Estado português, pelo menos num primeiro momento, quando a Companhia de Jesus ainda não reunia capital suficiente que a tornasse autônoma e plenamente independente para tomar decisões. Segundo Moreau,

os jesuítas tinham certa autonomia, respondendo mais a Roma que ao rei de Portugal, mas serviam a interesses da Coroa no desenvolvimento da Colônia, sendo no

começo sustentados por ela. Seriam o contraponto para a dizimação desenfreada de índios praticada pelos colonos, visando preservá-los pela adaptação ao trabalho produtivo (2012, p. 10).

Com a chegada dos portugueses ao Brasil, o processo de colonização se fez nos moldes de um empreendedorismo colonial. Na esteira das grandes transformações que aconteciam na Europa, e de maneira pioneira em alguns países, dentre os quais se destacou Portugal, as coroas reinantes viam à sua frente mares a serem desbravados, populações novas a serem conquistadas. Para tanto, o papel da Igreja se tornou central.

Diante da conquista de novas terras, havia que dominar as populações nativas; é fato que este processo de contato inicial pareceu ocorrer de forma pacífica, uma vez que os nativos, ao se depararem com os portugueses, estabeleceram um contato inicialmente cordial; no entanto, com o passar do tempo, a Coroa necessitou contar com a ajuda da Igreja, a fim de dar prosseguimento ao trabalho iniciado junto aos indígenas.

Embora algumas ordens religiosas tenham adentrado as terras brasileiras, não resta dúvida quanto à proeminência dos jesuítas no tocante à fundamentação da educação no Brasil, bem como de todo o processo da catequese, empreendido desde o início da colonização. O modo como o trabalho missionário se desenvolveu na Colônia e a independência administrativa e econômica gradualmente adquirida pelos inacianos, diante das dificuldades ao longo do tempo encontradas, impulsionaram a Companhia de Jesus na busca de novas alternativas, alinhando caminhos por meio dos quais ela pudesse arregimentar, manter e, principalmente, alcançar os objetivos catequético-pedagógicos propostos pela Ordem.

De fato, os inacianos reuniam as condições necessárias para a realização de tal projeto, uma vez que eram os legítimos representantes das determinações tridentinas (1545-1563). De acordo com Pompa, “do ponto de vista teológico e institucional, as diretrizes da missão no Brasil foram determinadas totalmente pelo pensamento jesuítico” (2003, p. 57). É importante reforçar que o projeto teológico pensado para as missões, citado acima, encontrava-se coadunado ao projeto político-econômico representado pela Coroa Portuguesa, que dele fez uso a fim de alcançar seus objetivos mercantilistas.

No tocante à fé, a fim de combater as heresias protestantes, o Concílio seguiu um sistema doutrinário ortodoxo e adotou como eixo não mais o batismo, mas a confissão, que, vista como um caminho mais eficiente no processo da conversão, foi fielmente usada pelos jesuítas junto aos nativos e à população colonial. Nas palavras de Pompa, “o Concílio de Trento, respondendo com a sistematização da ortodoxia aos medos apocalípticos suscitados por Lutero, enquanto Anticristo, elaborou com minúcias o projeto de catequese, interna e externa, cujo eixo principal não era mais o batismo, mas a confissão” (2003, p. 61). Na visão dos jesuítas, dada a inconstância da alma selvagem, as primeiras missões haviam fracassado e, por isso mesmo,

era necessário desenvolver um novo projeto que alcançasse essas almas nativas, carentes da verdade do Evangelho. A esse respeito, Pompa novamente se expressa:

O conteúdo moderno do conceito de “missão” nasceu da crise do modelo de conversão baseado no sacramento administrado por pregadores fervorosos [...]. A descoberta da Nova Espanha da “simulação” dos índios, que continuavam praticando seus rituais “idolátricos”, apesar da aparente conversão, fez com que fosse elaborado um novo modelo de missão, de tipo apostólico, com um *corpus* de agentes especializados, métodos específicos e lugares apropriados. Este modelo foi encarnado pelos jesuítas (idem, p. 65).

As aldeias missionárias revelaram-se como a expressão genuína do projeto de catequese proposto pela Companhia, que deveria contemplar, acima de tudo, a construção do reino de Deus na terra. Os aldeamentos se mostraram uma alternativa interessante para tal empreitada, na medida em que poderiam responder à conquista empreendida e promover a integração dos nativos à nova ordem. Formar cidadãos com retidão moral, alicerçados na Palavra de Deus, com vistas ao crescimento de seu reino, constituía o objetivo central a ser perseguido.

Para a realização de um empreendimento de caráter tão audacioso, os jesuítas logo se deram conta das dificuldades que encontrariam, e, portanto, o trabalho a ser realizado requeria uma análise minuciosa dos dois universos em questão, a fim de que se pudesse chegar a um bom termo, com vistas ao alcance do objetivo final da missão: a conversão destas almas a Cristo.

Para tanto, os missionários se deram conta de que, com a simples pregação da Palavra de Deus aos indígenas, o efeito alcançado no tocante à conversão seria mínimo ou praticamente nulo. Havia a necessidade de se buscar novos caminhos que possibilitassem o alcance da alma nativa. Em tempos de contrarreforma, onde apelo aos sentidos se revelou fundamental, a saída naturalmente encontrada pelos jesuítas foi o rico campo das produções artísticas do barroco que, de efeito persuasivo e eficaz, aliado à pregação do evangelho, se revelou arma poderosa no combate às heresias e no resgate de vidas no universo da fé católica e nativo.

## **2. O rico universo do Barroco luso-brasileiro**

O momento de explosão do “estilo barroco” corresponde ao período de consolidação das monarquias nacionais no século XVI. Nas monarquias absolutistas católicas (Portugal Espanha, Itália e Europa Central), com um apoio razoável de um mecenato régio, eclesiástico e confrarial, essa cultura encontrou as melhores condições para desenvolver-se. Nessas monarquias, todo o cerimonial utilizado (palácios, igrejas, artes plásticas e decorativas) despertou nos súditos e devotos grande emoção e verdadeiro deslumbramento.

Esse foi um período marcado, especificamente em relação à Europa Ibérica (Portugal e Espanha), pela forte atuação da instituição do Padroado, através da qual as coroas ibéricas exerceram grande influência na administração eclesiástica de seus impérios ultramarinos. Assim, a

Igreja teve papel quase decisivo quanto à elaboração de uma nova forma de ver, pensar e sentir o mundo, tão necessária num momento de transição histórica, das conquistas do mundo colonial e de reafirmação da fé católica, diante da ameaça protestante no século XVI. Para Campos, “o Barroco não foi apenas um estilo artístico, mas uma visão de mundo envolvendo formas de pensar, sentir, representar, comportar-se, acreditar, criar, viver e morrer” (2006, p. 7).

Nesse processo é fundamental acrescentar a influência do Concílio de Trento (1545-1563), cujos decretos tinham por objetivo trazer às mãos da Igreja Católica as rédeas do controle da fé, ameaçadas pela Reforma Protestante que se alastrava na Europa desde o século XVI, com uma velocidade assustadora, cooptando novos adeptos, sob as mais variadas denominações. Importava reafirmar os dogmas da fé católica, ditados e estabelecidos pelo Concílio. Nesse momento, Roma destacava-se como sede do Papado e da Companhia de Jesus, e fornecia modelos artísticos e cerimoniais para o restante do mundo católico. A isso se somou o firme propósito de agregação dos habitantes do Novo Mundo em processo de conquista: negros, índios e mestiços deveriam integrar-se ao quadro do Novo Mundo colonial. Esse movimento de adaptação é que delineou o perfil do Barroco, cujas obras triunfaram e alcançaram maturidade de estilo, em especial neste cenário.

Para compreendermos melhor o uso da expressão “Novo Mundo” nesse período, devemos nos remeter ao tempo dos empreendimentos coloniais europeus e às consequências advindas destes empreendimentos, tais como o choque entre as culturas europeia e indígena, europeia e africana, e a maneira pela qual, em algum momento deste “entrelaçamento de culturas”, se processou a “assimilação” obrigatória dos valores coloniais pelos povos dominados.

No Brasil litorâneo, as ordens primeiras (jesuítas, franciscanos, beneditinos e carmelitas) destacaram-se na evangelização e alfabetização das populações, com destaque para a Companhia de Jesus, que empreendeu o trabalho de catequese e evangelização junto às populações negras e indígenas, consideradas pagãs.

Sendo a sociedade barroca aquela que “civilizava” as maneiras, esta deveria imbuir-se da responsabilidade de revelar ao Novo Mundo a verdade de Cristo. Cada homem, cada indivíduo nesta sociedade, embora tivesse uma natureza, deveria deixá-la em prol do bem comum. A sociedade barroca propunha o encontro da semelhança na diferença e do múltiplo no uno, tendo como modelo sempre o passado. Dizia-se que, uma vez que não havia progresso no tempo, o tempo era providencialista, ou seja, o tempo se constituía como a participação de Deus na história.

Dessa maneira, o caminho mais apropriadamente utilizado (e que atendia às exigências específicas neste Novo Mundo de conquistas), com o firme propósito de alcançar o significado único desta sociedade, foi o da educação, uma vez que havia a preocupação de se reproduzir a ideologia do Estado, no caso específico, da Colônia luso-brasileira, do Estado português.

Na teoria do Estado português, cada homem deveria interiorizar as virtudes e reprimir os instintos. Quando se chegava a este estágio, obtinha-se a tranquilidade do ânimo, pois, ao ocorrer, por parte do “corpo”, a interiorização das virtudes católicas, como consequência, agia-se bem, tanto do ponto de vista moral como político.

No entanto, quando a assimilação de valores, principalmente por parte dos povos recém-conquistados, não pudesse se dar via processo pedagógico-educacional, certamente se dava de maneira compulsória e, quase sempre, acompanhada de atitudes de violência justificada<sup>1</sup> por parte do Estado português. No entanto, mesmo a despeito dos atritos existentes, o que importava era, na medida do possível, tentar detectar elementos equivalentes entre os dois mundos, com vistas à composição de uma aparente unidade. A este respeito, se expressa Silva: “Sobreviventes ao confronto, indígenas e europeus reconciliaram-se à medida que ambos aprenderam a manipular formas de representação capazes de transformar o conflito em convivência pacífica” (1992, p. 119).

Foram várias as formas de representação adotadas em face da realidade encontrada pelos portugueses, quando do contato com os nativos. Logicamente, à frente deste processo estava a Igreja, especificamente os jesuítas, os quais buscaram caminhos estratégicos para absorver a atenção dos indígenas, alheios aos valores cristãos. Uma das ferramentas mais eficientes foi o teatro: as representações teatrais, especificamente religiosas, tiveram um papel essencial na evangelização e conversão do gentio, uma vez que fluíram de maneira bem pedagógica, tendo quase sempre como base as narrativas bíblicas. Outro elemento que nos ajuda a compreender o teatro religioso no século XVI é a hagiografia: a palavra vem do grego *hagio* (“sagrado”) e *grafia* (“descrever”), significando a descrição de uma biografia dos santos, sua trajetória de vida. À época, foi um recurso essencial para o trabalho da Igreja no intuito de alicerçar a fé, uma vez que os santos, considerados modelos de virtude, tornavam-se passíveis de imitação.

Além do teatro, o uso intenso de danças e outras manifestações artísticas, bem como de outros recursos, tais como efeitos especiais ou recursos cênicos e elementos folclóricos, abundaram no teatro jesuítico. Uma vez que não eram estranhos à cultura indígena, somados aos demais, contribuíram de maneira eficiente para o trabalho da catequese. Acerca disso, complementa Karnal:

O teatro mostra um dado de valorização do indígena dentro do universo cristão. As peças tornam as almas dos índios parte do processo de salvação e da cosmologia cristã. Quando os demônios disputam com santos e anjos a posse de uma aldeia, tornam clara a ideia de que a alma indígena é suficientemente importante a ponto de mover potestades do céu e do inferno para disputá-la (1998, p. 97).

.....  
<sup>1</sup> “Guerra justa” é um conceito geralmente aplicado às populações indígenas, cujo objetivo maior era a manutenção da paz interna, por meio de aparelhos repressivos. Importava manter o bem comum, mantendo-se a unidade das paixões.

Essas representações teatrais, normalmente iniciadas no adro das igrejas, estendiam-se por outros locais, propiciando aos indígenas participarem ativamente do desenvolvimento desse trabalho, de modo que pudessem se sentir integrados e valorizados dentro do universo cristão barroco, ainda que não pudessem escolher entre participar dele ou não.

Quer através do teatro, quer através de outras formas de transmissão cultural, por meio das quais era possível estabelecer um diálogo catequético junto aos habitantes do Novo Mundo, o catolicismo imbuía-se da responsabilidade única, e quase providencial, de promover o ingresso dessas almas no universo do sagrado, do divino, por meio da integração de inúmeros elementos reunidos num único discurso.

Na realidade, o que se pretendia nesta nova fase (e é o que se chama de Barroco) era colocar a cidade num espaço em que houvesse a concretização do modelo português, especificamente católico. Assim, a cidade passava a ser um espaço urbano, como representação da política católica, que, por sua vez, reelaborava-se continuamente, utilizando modelos<sup>2</sup> de representações sociais (hierarquia), políticas (a figura do rei, o Estado) e religiosas (o imaginário sacro e seus elementos). Esses modelos, característicos do Barroco, passaram a ser “modelos” de vida e de comportamento a serem seguidos pela nova sociedade que estava sendo constituída e reelaborada a partir desses novos valores.

O que ocorria nessa sociedade era uma adaptação de elementos clássicos<sup>3</sup> à doutrina da Contrarreforma, validada pelo Concílio de Trento. Nos espaços das igrejas, fazia-se um discurso de louvor, associando-se muitos elementos sacros à sociedade do período. Nesse espaço, os santos assumiam papéis de cortesãos e as santas, de cortesãs.

Sendo essa a sociedade da representação, todos os “modelos”, quer no âmbito político, quer no âmbito religioso, eram postos em cena. Seus significados eram continuamente reafirmados, no intuito de delimitar o espaço de cada indivíduo num momento extremamente difuso e conturbado da história. Paradoxalmente, a Igreja, enquanto instituição, passou a reafirmar a fé católica como sendo a única capaz de promover a salvação, pautada em um tradicional e amplo suporte teológico, liderado, na Colônia luso-brasileira, pelos inacianos.

### **3. A arte sacra barroca a serviço da educação inaciana, no cenário colonial**

Quando o assunto é o universo das produções artísticas em solo colonial, é notória sua diversidade: da rica imaginária existente (cujos modelos vêm da metrópole), passando pela composição alegórica dos retábulos e pela rica e ornamentada pintura dos tetos das naves e

.....  
<sup>2</sup> Segundo Hansen, o gênero dos novos tempos consistia na celebração da hierarquia, através do triunfalismo católico, segundo o qual, a Igreja venceu a barbárie, cruelmente aqui representada por índios, negros e judeus (desde a Idade Média; na época barroca, recrudescera a intolerância religiosa das autoridades em relação aos judeus, aos mouros e aos cultos pagãos: indígenas e africanos). A sociedade ideal do período se faria na figura do fidalgo, cortesão, branco e católico (2001, p. 180).

<sup>3</sup> Segundo Janice Theodoro, ocorreu uma passagem da estética renascentista para a estética barroca, fato que se constituiu determinante para a formação de uma América Barroca (1992, p. 119).



das sacristias, chegando ao cenário das teatralizações nas cidades e aldeamentos, a arte sacra barroca contribuiu significativamente para a comunicação da fé em terras ameríndias. De todas as manifestações, vale destacar o papel singular das imagens, cujos personagens representados serviram como modelos de comportamento para a sociedade barroca em gestação.

Nesse sentido, ao lado das manifestações teatrais, as imagens prestaram grande contributo à pedagogia da fé, e seu culto, reforçado e chancelado pelo Concílio de Trento (1545-1563), serviu como suporte material para representar o sagrado, o que contribuiu positivamente para a reafirmação da fé cristã católica.

Em contraposição ao ataque protestante, que pregava a iconoclastia, ou seja, a destruição de quaisquer formas de ídolos, a retomada do uso das imagens, segundo a Igreja, reafirmava a força da doutrina cristã católica e atuava como um meio eficaz de persuasão religiosa.

As igrejas barrocas luso-brasileiras apresentavam um conjunto simbólico riquíssimo, de valor artístico-devocional inestimável. Ornamentos, volutas e cornijas, alinhados, criavam um ambiente de fé e “refúgio” para os fiéis.

As imagens sacras encontravam-se na base de toda arte barroca produzida nesse período, sobressaindo-se da arquitetura e da escultura e refletindo toda uma cultura local. Céu e inferno eram o respectivamente prêmio para os bons e o castigo para os maus. Cristo e sua ampla corte de santos e santas foram os símbolos que materializaram as religiões dos reis de Portugal e Espanha.

A religião católica, única admissível em todo o período colonial (mantendo-se em caráter oficial até a República), tinha em suas imagens o objeto de culto e veneração dos fiéis que para elas dirigiam suas preces. Ainda que inicialmente baseadas em matrizes europeias, as imagens aqui encontradas poderiam ser consideradas brasileiras (independentemente de sua procedência, que variava), na medida em que o que lhes conferia certa “cidadania” era o fato de estarem assentadas em nossos templos, onde foram cultuadas por nossos antepassados.

O que diferenciava as imagens sacras umas das outras era o tipo de missão à qual deveriam destinar-se: poderiam destinar-se à contemplação (contemplativas), poderiam ser retabulares (expressivas e convincentes), processionais (típicas das procissões ou de outros cultos católicos), oratórias (feitas para o culto doméstico) ou narrativas (feitas para integrarem-se a um determinado conjunto).

Independentemente da missão a que se destinasse, cada imagem, por si só, cumpria um grande desafio no universo barroco das representações: convenciona e emocionava os fiéis, alargando seus horizontes de fé, diluindo suas dúvidas e conflitos e possibilitando, por meio da visualização, maior proximidade com o santo ou santa de devoção, fato que gerava um sentimento de pertença do indivíduo ao plano divino.

A ampla circulação das imagens se processou em todas as direções na Colônia, tendo sua presença marcada não somente nos grandes templos, mas também no interior dos próprios lares, agregadas que foram ao grande número de oratórios. A presença de santos ou santas no interior dos lares trazia paz, segurança e a certeza de um contato mais direto com Deus. Não é à toa que o universo das imagens sacras foi e continua a ser (principalmente em alguns Estados brasileiros) o referencial de fé de muitas pessoas, sendo parte do seu cotidiano.

As imagens sacras apresentavam algumas características formais como a teatralidade e a emoção nos gestos, o cabelo “em movimento”, a policromia com tons fortes, características tipicamente associadas ao tipo de sentimento que deveriam despertar, de maneira singela, no fiel, além de gerarem uma identificação entre “elas” e os fiéis, em função dos elementos “humanos” presentes em ambos.

Recorrer à imaginária sacra foi um dos mais eficientes passos dados pela Igreja com vistas ao alcance dos nativos, uma vez que o processo de conversão destes (além dos colonos), a cabo do Novo Mundo recém-descoberto, se configurou como um desafio de peso para a Coroa Portuguesa, que conferiu à Companhia de Jesus a realização de tal empreitada.

Muitos foram os percalços que surgiram ao longo dessa caminhada, tais como a dificuldade natural de comunicação dos missionários com os nativos, por conta da não compreensão de ambos os idiomas (português e tupi), bem como da própria transmissão dos valores cristãos, num universo indígena diametralmente oposto em valores, ao universo ocidental cristão. Como apregoar aos índios a noção de um único Deus? Como fazê-los compreender o conteúdo das orações e dos sermões ministrados? Essas foram questões complexas que não poderiam prescindir de uma solução quase que imediata.

Os santos, via de regra, representavam um modelo de virtude para o fiel, de retidão moral e santidade, a cabo de uma sociedade que, uma vez entremeada por valores ético-morais em transição, típicos do período em ebulição do Barroco, clamava por um escape que lhe pudesse proporcionar um refrigério para a alma, abatida por lutas entre a carne e o espírito, e pudesse, por meio desse novo caminho, reintegrar-se ao sagrado. Por esses caminhos se revelou o barroco em terras ameríndias.

Esse Barroco que se constituiu em terras brasileiras, ao longo do século XVII, reuniu uma série de características que lhe conferiram uma feição própria, precisamente nativa: na medida em que se deu um encontro entre as matrizes culturais europeias e americanas, produziu-se um hibridismo cultural que resultou na produção de formas de arte espontâneas e autônomas. Assim, o Barroco americano em nada foi inferior ao produzido na Europa e tampouco pode ser visto como mera reprodução da matriz metropolitana, uma vez que as produções em solo brasileiro, seja na arquitetura, seja na pintura, seja na escultura etc., abarcaram uma temática simbólica rica e diversificada, gerando uma arte de caráter popular, incomum ao período. A arte barroca produzida na América foi uma obra de fôlego e delineou uma nova so-

cidade, com marcas singulares em seu ambiente social, político, econômico e cultural. Diante dos iminentes choques culturais que se processavam, a nova realidade exigiu um processo de adaptação contínuo às circunstâncias que se apresentavam.

Como parte desse processo de adaptação, as temáticas abordadas pelo Barroco na América se apresentavam constituídas por elementos ora comuns aos da matriz europeia, ora não comuns, mas igualmente importantes para sua ação civilizadora. Temas do Antigo Testamento e iconografias de origem medieval foram comumente utilizados na Europa e na América, enquanto ferramentas para conversão, fato que marcou a posição central da Igreja nesse novo cenário de produção artística.

A ação civilizadora do clero por meio das artes encontrava-se em estreita relação com o projeto colonizador: havia que se adaptar a sociedade recém-formada no Novo Mundo, com vistas a dar consistência às possessões e domínios metropolitanos.

No campo vasto das produções artísticas, as obras arquitetônicas assumiram um lugar de destaque. Os templos religiosos se configuravam como espaços sagrados e sociais, congregando fiéis e exprimindo, ao mesmo tempo, a solidez da Igreja Católica enquanto instituição legitimamente portadora dos valores da fé cristã. A construção desses templos, regulamentada pelo Padroado, era feita em locais estratégicos, como as costas litorâneas, a exemplo das igrejas construídas em Salvador (a partir de 1549).

Uma vez em solo “brasileiro”, os inicianos iniciaram um trabalho longo e difícil com os nativos, a fim de empreender a catequese. Um grande problema inicialmente encontrado foi o fato de as tribos indígenas serem nômades, ou seja, não apresentarem um local fixo de moradia, o que dificultava o trabalho dos missionários.

Desse modo, fazia-se necessário arregimentar aldeias nas quais os índios pudessem ser assentados e concentrados. Ainda que elas não possuíssem a estrutura de uma redução,<sup>4</sup> o simples fato de reagrupar os nativos já era um indicador de desempenho mais positivo da tarefa missionária para os padres. Nas palavras de Costa, “uma vez realizada a tarefa básica de assentamento dos índios, os jesuítas voltaram sua energia para a educação, como fator concommitante essencial da conversão” (1941, p. 43).

Uma vez resolvido o problema das moradias, o próximo passo se deu em direção à organização de espaços específicos, nos quais a comunidade pudesse estar reunida a fim de prestar culto a Deus e, ao mesmo tempo, integrar-se socialmente. Assim, as igrejas constituíram-se nestes espaços, assumindo a função de espaços do “sagrado” por excelência e espelhos de um universo maior – o divino, celestial –, na medida em que passaram a representar um ambiente exclusivo para os fiéis e futuros convertidos.

.....  
<sup>4</sup> Redução: termo aplicado às comunidades indígenas constituídas pela ação dos padres jesuítas e que tinham o objetivo de reduzir o nativo à vida civilizada.

Os inacianos, já no início da colonização, empreenderam a construção de igrejas, a fim de prover espaços necessários à realização da obra missionária. A peculiaridade dessas obras arquitetônicas estava no fato de boa parte da mão de obra nelas utilizada (o que inclui não somente elementos da arquitetura, mas também da imaginária) ser de origem indígena. No período anterior ao descobrimento, já existiam, ao que tudo indica, construções religiosas indígenas no território voltadas para o sagrado, ainda que para os missionários elas não tenham servido de referência. A esse respeito, Frade acrescenta que

é importante notar também que essas construções, ainda que imbuídas de elementos voltados para o sagrado, em quase nada serviram de inspiração para as construções religiosas cristãs no Brasil do período colonial, muito embora seja conveniente lembrar que elementos de traços marcadamente indígenas estarão presentes em algumas igrejas desse primeiro momento de colonização portuguesa, como, por exemplo, em algumas técnicas construtivas e em determinados objetos de ornamentação (2007, p. 52).

Somam-se a isso as necessidades de ordem material que o meio impunha, que obrigavam os padres a ensinar certos ofícios aos índios e mesmo aos negros. Com base nas necessidades que surgissem, o trabalho ia sendo realizado, e a mão de obra necessária para a realização de determinadas tarefas, recrutada.

As igrejas da Companhia buscaram agregar todos esses elementos, incluindo não somente suas igrejas de maior porte, mas também as igrejas construídas nos aldeamentos, até porque os jesuítas foram legítimos representantes de Roma no tocante às missões e obedeciam fielmente às prerrogativas papais.

Representantes das “missões” de além-mar, os inacianos lançaram-se à dura jornada de catequização dos povos conquistados, primando por uma educação regular e religiosa de qualidade, que conferisse sustentação ao trabalho que lhes fora designado. Os templos religiosos por eles erguidos se revelaram como polos disseminadores da mensagem cristã, notadamente nos aldeamentos, onde nativos e colonos agregavam-se, participando ativamente das festas litúrgicas e de outras atividades igualmente importantes que a arte sacra barroca veio com maestria representar.

Várias igrejas se constituíram polos irradiadores da fé católica, na colônia. Como exemplo, menciono a Igreja Nossa Senhora do Rosário em Embu (atual Embu das Artes), São Paulo. Na medida em que se deu o convívio direto entre os nativos guaranis e os padres jesuítas, esse “espaço da igreja”, por assim dizer, “testemunhou” uma intensa atividade catequética, ao mesmo tempo que foi palco de muitas mediações culturais que se processaram por meio do entrelaçamento dessas culturas muito distintas e singularmente importantes para a formação do etos cultural brasileiro.

A força do Barroco nos aldeamentos, sob a supervisão inaciana, foi notória. Testemunhos atestam a força disciplinadora e catequizadora dessa ordem religiosa no tocante aos habitantes do Novo Mundo, e mesmo junto à comunidade colonial existente. Ainda que outras ordens religiosas tenham trazido profícua contribuição à sociedade colonial, o vigor das ações dos discípulos de Santo Inácio revelou-se imbatível: sob as prerrogativas papais ergueu-se a bandeira da contrarreforma revelando um mundo marcado pela religiosidade latente do barroco, altamente focada em produzir uma educação pautada por um senso de decoro e ética ímpares, para a sociedade que se pretendia representar.

#### 4. Considerações finais

Podemos concluir que o Barroco, principalmente no tocante às produções sacras representadas no interior das igrejas, atou como um elemento aglutinador de crenças, costumes e ideias que, transcendendo os limites do tempo e do espaço, ainda figuram na galeria de uma história que, na pretensão de convencer, encantou, e, no intuito de educar, convenceu, e em muitos casos, converteu, imprimindo sua marca na memória daqueles que, por caminhos diretos ou indiretos, absorveram sua essência, seu significado.

A beleza do Barroco luso-brasileiro em terras ameríndias, se, em alguns momentos, não convenceu encantando, certamente encantou ensinando uma fé que, muito acima das expectativas humanas, revelou a força de seu criador e, portanto, sua razão de existir. No espaço dos aldeamentos, em especial, locais de forte atuação dos inacianos junto a nativos e africanos, foi possível encontrar este misto de encanto e ensinamento que, imbricados, produziram a sustentação da mensagem da cruz, tão necessária ao projeto de cristianização do Novo Mundo, que, em estreita correlação com a expansão econômico-política do reino português, elegeu o caminho das manifestações artísticas, na efervescência do período barroco, para arregimentar o modelo de civilização de sociedade barroca pretendido para o período.

#### Referências bibliográficas

- COSTA, Alberto Bonazzi da. A talha dourada na antiga província de São Paulo: exemplos de ornamentação barroca e rococó. In: Percival Tirapeli (org.). **Arte Sacra Colonial: Barroco memória viva**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001. pp. 60-81.
- FRADE, Gabriel. **Arquitetura Sagrada no Brasil: sua evolução até as vésperas do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2007.
- HANSEN, João A. Artes seiscentistas e teologia política. In: Percival Tirapeli (org.). **Arte Sacra Colonial: Barroco memória viva**. São Paulo: Editora Unesp/Imprensa Oficial do Estado, 2001. pp. 180-189.
- HOORNAERT, Eduardo. **A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800)**. 3. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- \_\_\_\_\_. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época, Período Colonial**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.

- KARNAL, Leandro. **Teatro da Fé: representação religiosa no Brasil e no México do século XVI (Tese de Doutorado: USP, 1994)**. São Paulo: Hucitec, 1998.
- MOREAU, Filipe E. Os índios na ótica dos primeiros jesuítas. In: Ana Beatriz Nogueira de Barros Nunes; Vanessa Catharina Picchetti (orgs.). **Textos do Brasil: culturas indígenas**. São Paulo: Ministério das Relações Exteriores/Funai, 2012.
- LEITE, Serafim. **Suma Histórica da Companhia de Jesus no Brasil, Assistência de Portugal, 1549-1560**. Lisboa: Junta de investigações do Ultramar, 1965.
- POMPA, Cristina. **Religião como Tradução: missionários tupi e tapuia no Brasil colonial**. Bauru: Edusc, 2003.
- SILVA, Janice T. da. **América Barroca: tema e variações**. São Paulo: Nova Fronteira/Edusp, 1992.

Recebido em 21/11/2017

Aprovado em 06/12/2017